

REBIHTA Barranquenha

A Fêra a branco e preto



Retrato do início do ano 50 do séc. XX

A Fêra sempri se bibeu com muito afã, mah muito differenti do qu' é hoji. Quando se pergunta àh mulherih de maih idadi sobri a Fêra, ainda tenhem na cabeça ah dificultadih dessih tempoh, mah gohtom de lembrá-si da mocidadi e de contá históriah dessih diah, quando elah erom nobah. Um doh temah maih recordado são ah ropah. Para muitah pessoah, a Fêra era a única altura do ano em que estreabom ropa noba, en particulá aquelih que tinhom menoh possih. A ropa fina não se compraba fêta como hoji. A faziom ah própriah pessoah, ô ah mãeh, ah irmãh, ô tinhom que dá-la a fazê. Nessa altura, ah fazendah se

comprabom cá, nah lojah do Sinhô Panero, do Sr. Manué Cláudio, de Tio Manué Mendi, ô ô Sr. Sardinha, que binha bendendo pelah ruah, com ah fazendah ao ombro. Ô então se mandabom a bi (s' encomendabom). Cada um compraba à medida do que podia. Para oh behtidoh e ah saiah, o que maih se compraba era cambraia e chita, que erom maih baratah. A chita tinha padrõeh de corih muito bonitah. A cambraia tamém daba para fazê ah camisah de homem. A seda cuhtaba maih cara e só a podiom comprá ah famíliah que tinhom maih dinhêro (continua na pág.3).

Promotor:

A Estêva – Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Barrancos



Apoios e colaborações:



EDITORIAL

Quando se fala em Barranquenho associa-se indiscutivelmente à pronúncia típica de Barrancos, que quase toda a gente conhece, ou já ouviu falar. Contudo, compreender este “modo de falar” implica conhecer as dimensões, os constrangimentos e as potencialidades que esta língua encerra.

Este primeiro editorial aborda o enquadramento da língua Barranquenha nos dias de hoje.

Em termos linguísticos, desde o século passado que as particularidades do Barranquenho vêm despertando a atenção e o interesse da comunidade científica. Ao longo das últimas décadas, intensificaram-se as investigações científicas sobre o Barranquenho, permitindo atualizar e aumentar os conhecimentos sobre esta variedade linguística, singular no país. Os estudos mais recentes apontam para uma *língua de contacto* e para a possibilidade de classificação do Barranquenho como uma língua minoritária, ao abrigo de diversas disposições internacionais, entre elas a Declaração Universal de Direitos Linguísticos e a Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias, com o propósito de a preservar e manter viva.

Porém, os estudos científicos desenvolvidos, de grande relevância para o futuro do Barranquenho, só por si, não são suficientes para esta classificação, nem para garantir a sua continuidade, que só é possível com a consolidação de um sistema gráfico e da consciência linguística e cultural dos seus falantes. Uma das consequências de ser apenas uma língua oral é a perda, sem retorno, de características importantíssimas e diferenciadoras do Barranquenho, decorrentes da normal evolução da língua e da consequente variação linguística, que se verifica de geração para geração. Na ausência de uma estratégia local de salvaguarda, o Português foi ganhando espaço no meio familiar e profissional e o Barranquenho foi, inevitavelmente, sendo absorvido pela crescente escolarização, sem conseguir resistir à pressão e influência dos processos de globalização. De futuro, para acautelar a sua continuidade, é necessário e urgente encontrar suportes linguísticos mais duradouros - uma norma de escrita – que evitem as textualizações desprovidas de qualquer critério de escrita e forneçam à Língua Barranquenha alicerces consistentes.

Atenta a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO, o Barranquenho não se resume, nem se esgota, na sua especificidade linguística. Importa, pois, compreender que o Património Cultural Imaterial Barranquenho é o conjunto das manifestações locais, materiais e imateriais de Barrancos, que convergem e têm nas características linguísticas da população o expoente máximo da sua identidade cultural. O facto de, entre a comunidade, o Barranquenho ter sido sempre

associado, apenas e só, à sua expressão linguística, descurando as restantes dimensões que lhe estão inerentes, levaram à perda de manifestações culturais, usos e costumes essenciais para a sua compreensão e, sobretudo, para a sua continuidade. O mesmo acontecendo com algumas vivências culturais, que continuam a presenciar-se, mas repetidas de forma folclorista e, por vezes, completamente desvinculadas do seu contexto tradicional.

O Barranquenho continua a passar de pais para filhos, no entanto, para manter viva esta característica de valor inestimável, nos tempos vindouros, é preciso explorar as suas potencialidades, articulando e realçando as diferentes áreas e interconexões. É também importante sensibilizar e envolver, neste processo, a comunidade de falantes. É possível criar condições que permitam a consolidação da utilização da língua e que a mesma possa efetivamente tornar-se motor de desenvolvimento cultural e económico na região. Isto é, gerar novas oportunidades de uso e prática da língua, procurando fazer das características que nos diferenciam do resto do mundo uma referência do território e afirmar a autenticidade da região. Em simultâneo, devem multiplicar-se as iniciativas de ação e preservação patrimonial, como forma de revitalizar algumas práticas culturais, evitando que se percam para sempre.

Esta publicação, que pretendemos que seja mensal, é uma destas iniciativas e surge de um desafio da Equipa de Investigação Coordenadora do Programa Municipal de Preservação e Valorização Linguística e Cultural de Barrancos. Escrever em Barranquenho, sem um sistema gráfico definido, não é tarefa fácil, pelo que contamos, desde o primeiro minuto, com a colaboração e orientação de vários especialistas.

O objetivo deste boletim é contribuir para o levantamento de diversos aspetos da cultura e do espaço geográfico-linguístico do *Barranquenho*, com a finalidade de ajudar a documentar a língua e relembrar circunstâncias do passado. Redigir essa informação em pequenos textos informais, em *Barranquenho*, visa a familiarização com uma ortografia própria (e facilitar a sua aprendizagem) e a harmonização de uma futura convenção ortográfica, que será uma mais-valia, do ponto de vista linguístico, a nível local, nacional e mundial.

Convidamos os interessados a colaborar neste trabalho e na valorização deste legado que é de todos os Barranquenhos. Cultivar e promover a língua, assim como, encontrar espaços próprios para a sua divulgação, enquanto património cultural e instrumento de comunicação é reforçar a identidade de Barrancos.



Agohto de 1945

O linho tamém s' usaba. Algumah pessoah que nã tinham para ehtreá depoih en dezembro, no dia 8 de Nossa Senhora, comprabom seda e lã e faziom oh behtidoh já de meia ehtação, que daba para lebá a qualqué fehta ô cerimónia que tibessem que i no imberno, ô duranti o ano. E muitah bezih serbiom dum ano para o otro.

Oh modeloh doh vehtidoh e dah saiah erom quasi todoh iguaih. A parti debaxo da saia tinha que sê por baxo do joelho, porque nessa altura nã se podia bê o joelho. A parti de cima, dependia dah familiiah. Nah familiiah maih antigah e maih reserbadah, ah mãeh, não queriom que ah filhah, quando já erom moçah, mohtrassem oh braçoh e lhe faziom oh behtidoh de manga comprida. Contudo, tamém habia quem oh fizessi assim de propósito, para que lhe dessi para usá-loh no imberno. S' o punhom debaxo dum casaco, dum sobretudo, ô duma blusa de lã. O corti era consoanti oh gohtoh dah pessoah, ô pelah modah que iom bindo, si podiom fazê behtidoh noboh! Quando não, se tinham que pô o behtido do ano anti, por maih qu' a moda já tibessi passada.

Mehmo que nã pudessem usá ropa cara, s' arranjabom bem para i jêtosah no dia 28 d' agohto! Ah saiah e oh vehtidoh se faziom cintadoh, ô se punhom com um cinto, para marcá bem a cintura. A parti de cima tampoco se fazia degotada, muito menoh para i à missa e à porcissão! Habia muito rehpêto até na manêra de behti. Si o behtido, a blusa, ô a camisa tinha uma migalha de degoti, faziom uma gola para pô por cima e tapá maih o pehçoço e o pêto.

Nessih tempoh, ah mulherih usabom meiah. A maioria dah mulherih casadah e dah raparigah moçah se punhom meiah de bidro, com a rihquinha preta atráh. Ah maih piquenah era cohtumi usá meiah brancah, fêtah de linha. Mah habia mulherih que tamém se punhom meiah de linha.

O cabelo não se dêxaba na cara, s'usaba penteado para tráh. Quem o tinha curto se fazia umah ondinhah com roloh, para que ficassi com uma migalha de jêto. Ah que tinham o cabelo grandi s'ô apanhabom atráh com um monho, ô com uma banana. Logo já maih tardi começaram a aparecê ah premanenti.

Oh sapatoh de mulhé s' usabam com um pocachinho de salto. S' ehcolhiom muito oh modeloh fechadoh, para podê usá-loh no imberno. Contudo, tamém habia quem usassi sandália. Depoih no imberno s' ah punhom com meiah, si nã tinham maih sapatoh finoh para pô-si.

Otra coisa que tampoco usabom ah mulherih erom ah malah. Se lebaba na mão uma bolsinha. Ah que nã tinham lebabom um lencinho dobrado, ô um lecri.

Oh homem tamém iom bem behtidoh no dia 28. Oh que podiom e faziom gohto lebabom fato completo. Si não podiom, pelo menoh iom de camisa e calça fina. Duranti o dia, um se punhom casaco, otroh não. A grabata tamém era ô gohto de cada um. Mah à noiti, para entrá noh bailih todoh erom obrigadoh a lebá casaco, sinão não oh dêxabom entrá.

A maioria usaba chapéu. E oh maih belhoh lebabom quasi todoh relójo de bolso, na chamarreta, com a correnti à mohtra.



Finaih dos anoh 30 do séc. XX

Ah ropah se começabom a arranjá dehdi o principio do berão. Antih, ah pessoah trabalhobom no campo o ano entero, mulherih e homem, e quando começaba o mêh de julho, ah que podiom se binhom a casa a cosê. Ah que nã podiom, tinhom que pagá para que lhe fizessem ah ropah, ô a iom fazendo en casa, à noiti. Ah que nã sabiom cortá oh moldih lhe pediom àh cohturerah que oh cortassem e, logo elah, iom acabando o rehto en casa.

Habia muitah cohturerah en Barrancos, nessa altura. E ehtaba Tio João Tereno, que era alfaiti. Só fazia ropa de homem.

Nessa altura, nã se ganhaba dinhêro cosendo. Em troca do trabalho, ah mulherih iom fazendo ah ropah doh familiarih. Ah raparigah nobah se binhom quasi todah ah casa, a trabalhá com ah cohturerah e assim podiom i fazendo oh behtidoh para elah. Quem sabia cosê, cosia. Ah que nã sabiom ajudabom a marcá a ropa, a alinhabá, a chuleá, a tirá oh alinhaboh, a passá a ferro, a pô a goma.

Oh moldih se tirabom por otroh doh behtidoh já fêtoh, ô d' algum modelo que gohtassem dah rebihtah.

Cosiom todoh oh diah, até à tardinha, à hora da camioneta. E se lebabom cosendo até ô dia 27 à tardi.

No dia 28 já nã se cosia. Nessi dia, de manhã, se ia a entregá a ropa ôh clientih, a casa. Depoih, ah que iom à missa se iom a prepará e ah que não iom lhe ajudabom àh cohturerah a arrumá a casa.

A ropa noba se ehtreaba só no dia 28, noh otroh diah para o encerro e a torada, se punhom otra maih usada e à noiti se compunhom otra bêh. Habia quem no dia 31, por sê o último dia, se pusessi otra bêh algo maih fino.

Quasi toda a genti ia à porcissão.

Era muito bonito bê ah pessoah todah compohtah e bem arranjadah.

Quando terminaba a porcissão, as pessoah cohtumabom i ô Altosano a dá uma bolta, que era ondi binhom o retratihta, a barraca da loça, a doh sapatoh, o ôribi, Tia Brígida com oh heringoh e Tia Bitória com o torrão e oh pirulitoh.

O retratihta tinha tudo preparado, com bancoh, naperon de renda, jarrah de florih, um quartinado bonito por detráh para fazê de fundo e bonecoh de loça, de bárias manerah, para compô oh retratoh, ao gohto dah pessoah.

Ah raparigah e oh rapazih moçoh erom oh que maih se tirabom retratoh. En grupo, com oh amigoh, com oh paih, oh irmãoh, oh primoh, para tê uma recordação.

Recordaçõe que chegarom até nóh e que noh mohtrom uma realidade tã diferenti, num passado inda recenti.



Retrato do século XX - início doh anoh 40

Guia de grafia:

Vocalismo:

- Vogal átona final -e > -i (ex: *genti*).
- Nasalidade interna -im- / -em- (antes de p ou b) (ex: *imberno*, *sempri*).
- Nasalidade em fim de palavra -ã / -em / -im / -om / -um (ex: *punhom*, *assim*, *algum*, *fizessem*, *manhã*).
- Redução do ditongo ei > ê (ex: *dinhêro*, *jêto*).
- Redução do ditongo ou > ô
- Redução dos ditongos ai, oi > a antes de x e de ç (ex: *debaxo*, *loça*).
- Contração da preposição ao > ò
- Apócope facultativas: de > d' (ex: *d' algum*) / que > qu' (ex: *qu' a moda*) / se > s' (ex: seguido de verbo) *s' arranjabom*.
- Apócope fixas: se + o(h), a(h) > s'o, s'a, s'oh, s'ah seguido de pronome (ex: *s'o punhom*). Não > nã (posição interna) / tão > tã (posição interna).
- Terminação do pretérito perfeito e imperfeito -am / -iam > -om / -iom (ex: *binhom*, *faziom*).

Consonantismo:

- manutenção de -l em fim de sílaba interna (ex: *Altosano*, *bolta*).
- apócope de -r na terminação do infinitivo -ar / -er / -ir / -or > á, ê, i, ô (ex: *passá*, *fazê*, *i (ir)*, *pô*).
- representação de -s em fim de sílaba (interna/final): s > h (ex: *compohtah*, *mêh*).
- apócope de -l em fim de palavra (ex: *Manué*).
- introdução de h aspirado para realização do som j (ex: *heringo*).